Quando dois elefantes brigam, quem sofre é o capim – 50 anos de Independência de Angola

Robson de Andrade Gonçalves

Doutorando na Faculdade de Educação FEUSP na área de concentração Cultura, Filosofia e História da Educação, Mestre em Ciências da Informação (2016), bacharel em Biblioteconomia e Documentação (2011). Desenvolve projetos ligados ao audiovisual e a ação cultural educativa como o projeto audiovisual 'O Pensamento Vivo da Informação', do qual entrevista pesquisadores e estudiosos do tema Informação e Tecnologias da Informação na sociedade atual. Músico, escritor, professor, produtor cultural, gerencia projetos de gravações e edições de áudio e produção de vídeo. Tem experiência com televisão (TV Digital, HD, EX), arquivos digitais de vídeo, edição, captação e roteiro. Ministra palestras e cursos sobre música e trilha sonora. Co-criador e editor do Podcast de divulgação da sétima arte "Cinema do Fim do Mundo". Dirigiu e produziu um filme documentário sobre História, Memória e Iconografia da África do Sul pelo doutorado sanduíche do PSDE/CAPES 2024 pela University of Cape Town, South Africa.

Email: robson.ashtoffen@gmail.com

CC BY

Resumo

O ano de 2025 marca 50 anos da independência de Angola dos colonizadores portugueses. No dia quatro de fevereiro é comemorado o início da luta armada de 1961, chamada Revolta das Catanas, que desembocaria em 1975 a oficialidade da libertação do país. O facão (catana), presente na bandeira nacional, usado na lavoura representa a mobilização dos trabalhadores angolanos frente à dominação dos portugueses. Em quatro de fevereiro de 2025, fui a Luanda e fotografei a região do bairro do Golfe 2, periferia da província, assim como a região central com seus monumentos históricos e as trabalhadoras informais (zungueiras). O imaginário da cidade é diverso e traz marcas da memória do país. Apresento um recorte desses traços de memória na vida cotidiana com filme e câmera analógica (muito utilizado há 50 anos) contrastando as formas do passado com o presente. Quais as ligações que Angola mantém desde seu momento de libertação com a vida contemporânea? O que mudou nestes 50 anos, e o que persiste? Olhando para o memorial passado, o que Angola, desde sua periferia até o centro, vê de esperança na memória traumática de anos de guerra civil? O provérbio foi me dito por um senhor que lutou na guerra e sintetiza com sabedoria esses 50 anos: Quando dois elefantes brigam, quem sofre é o capim.

Palavras-chave: Angola; Independência de Angola; Ensaio fotográfico.

When two elephants fight, the grass suffers

Abstract

The year 2025 marks the 50th anniversary of Angola's independence from the Portuguese colonisers. The fourth of February commemorates the start of the armed struggle in 1961, called the Revolta das Catanas, which would lead to the official liberation of the country in 1975. The machete (catana) on the national flag, used in farming, represents the mobilisation of Angolan workers against Portuguese domination. On 4 February 2025, I went to Luanda and photographed the Golfe 2 neighborhood, on the outskirts of the province, as well as the central region with its historical monuments and informal workers (zungueiras). The imagery of the city is diverse and bears traces of the country's memory. I present a snapshot of these traces of memory in everyday life with film and an analogue camera (much used 50 years ago), contrasting the forms of the past with the present. What links has Angola maintained since its liberation with contemporary life? What has changed in these 50 years, and what persists? Looking at the past memorial, what does Angola, from its periphery to its centre, see of hope in the traumatic memory of years of civil war? The proverb was told to me by a man who fought in the war and sums up these 50 years with wisdom: When two elephants fight, the grass suffers.

Keywords: Angola; Angola Independence; Photographic Shoot.

Introdução

Desde 2020, cultivo uma amizade com Manuel Gonga Gomes, hoje licenciado em História pela Universidade Agostinho Neto, em Luanda, Angola, que por uma rede social pediu-me ajuda para finalizar um artigo. Ele sempre dizia para que eu viesse a Luanda e que me receberia de bom grado. Cinco anos depois, estamos no cinquentenário da Independência de Angola, planejei minha viagem da Cidade do Cabo, na África do Sul, onde residi, para Luanda. Manuel me recebeu em sua casa humilde, em um bairro (Golfe 2) carente de água potável e sistema de saneamento básico, mas com personagens da história de Angola, seja os que viveram os momentos da libertação como o senhor Pedro Cadiege, ou sua mãe, Maria Manuel Gonga, que era 'zungueira'. Zungar é o ato de vender vegetais, ovos, alimentos em geral, entre outras coisas, com um balde sobre a cabeça caminhando pelas ruas. Trabalho predominante entre as 'mamás', como são chamadas respeitosamente as mulheres mães em Luanda.

Manuel e eu decidimos produzir um documentário sobre as vozes e as memórias dos que viveram a libertação, como também dos jovens que hoje vivem em uma sociedade independente politicamente dos colonos. Sempre no fim das conversas pedíamos que se falasse um provérbio africano, pois remetem à tradição oral e são a síntese de um pensamento atemporal. Pedro Cadiege, depois de falar sobre a longa guerra civil entre dois partidos nacionais, nos disse: 'Quando dois elefantes brigam, quem sofre é o capim'. Dessa forma, Seu Pedro (chamado de Diamante, pois é uma memória preciosa da comunidade) conecta o processo histórico da guerra aos dias de hoje com a sabedoria imagética da palavra.

Nesse processo, além de filmar, utilizei uma Pentax K1000, câmera analógica dos anos 1970, para registrar momentos que retratassem Luanda desde sua periferia até o centro. A textura das fotos remete aos anos 1970, momento efervescente da história de Angola. É a partir da lente do passado que lemos se o presente está mais próximo ou afastado daquela época. Essa dualidade entre forma e presença é a proposta de olhar aqui, questionando o tempo como algo dividido e matematizado, propondo uma dualidade sensorial.

Ali me foi ensinado que o Brasil tem uma conexão forte com Luanda, não somente pelo o que é registrado pela historiografia, mas pelo jeito de falar das pessoas, pelo afeto à cultura brasileira, seja o futebol, a música ou a comida. O 'funge' e a 'kissangua', ambas iguarias da culinária angolana me remeteram à terra de minha avó, Monte Santo, Bahia. Sertão do nordeste brasileiro onde se consome mandioca. O feijão de palma, o arroz temperado com cebola, as casas de pau a pique, a presença da igreja católica, os cantos de louvor entoados em Quimbundo, língua nativa. Das ruas de terra, das zungueiras aos monumentos históricos, Angola é um coração de memória, com uma arma em sua bandeira, que me relembra de outra frase marcante que um encarregado do Mercado dos Correios me disse: O angolano é insurreto.

Figura 1: Bandeira do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) partido atual e um dos principais articuladores da independência.

Figura 2: Mulheres 'zungueiras' pelo centro de Luanda.

Figura 3: Mulheres 'zungueiras' pelo centro de Luanda.

Figura 4: Homem carregando galões de água, Golfe 2, Luanda.

Figura 5: 'Táxis' são o meio de transporte privado mais utilizado pelos angolanos. Prédio da época colonial ao fundo.

Figura 6: Pelas ruas do Golfe 2, comunidade de Luanda.

Figura 7: Beco em Golfe 2, Luanda.

Figura 8: Monumento em homenagem a Rainha Nzinga, Largo do Kinaxixi, Luanda.

Figura 9: Ruas do Golfe 2, Luanda.

Figura 10: Monumento ao Soldado Desconhecido, Luanda, Angola.